

Discurso pronunciado pelo Embaixador. Baptista Luzardo, como Diretor da Caixa Econômica, na inauguração da Agência Deodoro na Vila Militar

Tornaram-se tradição muito simpática e por certo muito grata ao interesse do povo carioca as comemorações com que a nossa Caixa Econômica celebra, anualmente, a passagem da consagrada "Semana da Economia". Lembramo-nos dos seus primeiros festejos, há cerca de vinte e cinco anos passados, no velho casarão da Rua D. Manoel, e guardamos o simbolismo da sua simplicidade, revendo mesmo o desbravador Solano da Cunha a oferecer confresinhos de economia ao povo sempre achegado a Caixa, e que então se espalhava pelas imediações desta sua Casa. Eis uma cena que não se pode apagar da lembrança de quem possui espírito público e a obstinação de com êle servir à sua Pátria. Tivemos desde logo a compreensão de que assistíamos ao pronúncio de uma nova revolução. Foi verdade: daí, da-queles idos iniciais da célebre década de 30, passava o Poder Público a observar o valor da difusão do espírito de poupança, através das camadas populares, fazendo, simbolicamente, esta advertência ao povo: em cada setor de atividade nacional, não pode faltar, a presença de um cofre de economia!

E, realmente, germinada a idéia, o lema se corporificou, brotando, em cada canto da terra carioca, uma estação arrecadadora da economia popular, enquanto as demais unidades federativas ganhavam também a sua Caixa.

Hoje, seria um ato de rotina a criação de mais uma agência da Caixa Econômica, tanto quanto rotineiras se tornaram as solenidades do

Dia Internacional da Economia, fixado nesta data de 31 de outubro pelo 1º Congresso Internacional, de Milão e que encerra as celebrações da Semana da Economia.

Mas a rotina é trabalho sem alma, e para quebrá-la, basta uma motivação sentimental, como a que emoldura esta festa.

Entre os motivos de ordem pessoal que nos despertam emoções, neste instante, um respeito a íntima satisfação com que vemos a se cumprirem os pontos essenciais do programa que trouxemos para a direção deste Instituto de Crédito Popular, há dois anos passados, ênscio dessa necessidade da disseminação das agências por todos os pontos do Distrito Federal, e integrado plenamente na consciência das vantagens de tal iniciativa, no que concerne às finalidades da Instituição. Da mesma sorte, o ideal da edificação de nossa compatível sede própria, alegro-me em vê-lo em vésperas de realização. Felizmente, pois, os nossos objetivos e as nossas iniciativas têm merecido o apoio dos companheiros de Administração e o próprio entusiasmo do meu eminente amigo, o atual Presidente do Conselho, o ilustre Almirante Augusto do Amaral Peixoto. Provamos a escolha de nosso nome para receber a honra de falar, neste Ato, em nome do Órgão Diretivo. No momento em que agradeço a homenagem descobro ainda outras razões capazes também de a terem influenciado, como sejam, de um lado a nossa admiração pelo trabalho sempre capaz e prestimoso do Serviço de Engenharia, e de outro

lado, a coincidência de ter pertencido ao corpo de meus auxiliares diretos, o competente servidor já designado para o comando desta nova Agência.

* *

Em contacto com as peculiaridades do crédito popular, essa matéria-prima que a nossa grande Instituição tem o encargo especializado de administrar, temos imaginado que seria bastante salutar a muitos homens públicos fazerem um estágio nessa seara de elevação da alma e purificação do espírito.

Mais do que outro qualquer setor da Administração Pública, lidando, aqui, com a economia da classe trabalhadora e sentindo mais de perto suas dificuldades, a gente robustece o sentimento do interesse coletivo. Quem se abandona entre os choques e contra-choques dos outros setores da vida pública, situados acima da Administração, muitas vezes se arrisca a comprometer o equilíbrio do senso moral que a sã Política reclama. Pois se os deveres da Administração exercem ação premunitora ou reformadora sobre o homem de Estado, a gerência do crédito popular o reeduca para a vida pública. O mister em aprêço muito tem de comum com a prática do magistério.

A propaganda das Caixas Econômicas deve ser feita de preferência, nas escolas. Mas não apenas nas escolas onde se vai buscar o conhecimento das letras e sim nas oficinas, que são a escola do trabalho; nas casernas, que são as escolas do patriotismo; e, afinal, no seio da classe média, que cursa a escola do sofrimento e da renúncia. Elas devem ensinar, dentro de todas as esferas sociais, como lembra Pedro Bonani, o conceito de que o aforramento representa uma função econômica e moral da vida, que induz o indivíduo a preferir os sentimentos mais dignos e elevados de moderação e continência, aos primitivos impulsos de prodigalidade e desperdício, fechando o caminho ao vício, à dissipação e à miséria.

É ensinando que melhor se aprende.

É ensinando a prática racional de poupança a todas as classes responsáveis, e divulgando a vantagem de seus resultados para o indivíduo e para Nação, que a gente se acostuma a cultivar melhor o senso de equilíbrio e o prazer da renúncia.

Outra razão que empresta poesia e sentido emocional a êste ato é a de estar-se inaugurando uma dependência da Caixa Econômica, no seio mesmo do próprio Exército Nacional.

Não houve falta de propósito na escolha do local e da denominação desta Agência.

O entrelaçamento não decorre de simples relações ocasionais ou interesseiras. Está, ao contrário, ligado às próprias finalidades de ambas as Instituições do Estado.

Desde logo, o nome do Fundador e Proclamador da República será uma inspiração constante para o amor e para o respeito às Instituições. É dêsse herói epônimo, e grande cabo de guerra, a afirmativa de que quem pretenda enriquecer materialmente, não deve ser soldado, juiz, ou sacerdote. Igualmente, como êsses missionários da Defesa, da Justiça e da Fé, não pode esperar também o missionário do Trabalho, acumular riqueza material, pois, como os outros, é o apostolado o seu objetivo, sempre que se cuide, naturalmente, da categoria de trabalhador que interessa à vida das caixas econômicas. Essas entidades servem às classes médias, e, principalmente, às mencionadas classes que produzem, antes de tudo, a riqueza do bem comum. O capital realizado por essas classes da sociedade não é o nascido da super produção, que se avilta na ganância e nas competições mercantis, mas sim o capital bem fadado, oriundo da abstinência e da poupança, capaz de honrar os demais cofatores da produção da riqueza econômica, que são a Terra e o Trabalho.

É sempre emocionante contemplar a história e a vida do Instituto das Caixas Econômicas, porque estas, pela sua própria essência, fazem pensar melhor na nobre participação do Trabalho e da Terra

na vida econômica. Como seria pacífica a Distribuição e tranqüilo o Consumo se esse Capital de formação enobrecida e enobrecedora pudesse substituir totalmente a seu antagonista — o capital especulativo — na organização produtiva! Estaria resolvida, sem dúvida, a questão social.

Aí está a afinidade que sem maiores perquirições a gente descobre entre a finalidade das Caixas Econômicas, como fonte de segurança e tranqüilidade do trabalhador, e a finalidade das Forças Armadas, como preservadoras da segurança e da tranqüilidade da Nação.

Esta identificação explica por que se iniciaram e se encerram os festejos da Semana da Economia justamente dentro dos meios militares, assinalado seu início com a significativa cerimônia realizada outro dia no Batalhão de Guarda, e marcado o seu término com este acontecimento de hoje, de tanto alcance social, em que se planta uma base da Economia no território do Exército, tal como acabamos de lançar um posto avançado daquela mesma Força, em redutos próprios da Marinha e da Aeronáutica.

Aquelas "classes pobres" a que se referiu Deodoro são as nossas homenageadas deste momento. Pensemos, então, no poder incomensurável da sua riqueza, principalmente em confronto com a miséria das outras que costumam ambicionar Poder. Os apóstolos da Defesa, do Trabalho, da Justiça e da Fé, são precisamente os mais ricos, na glória da sua pobreza material, porque são justamente os milionários da vida do espírito.

A renúncia é a sua virtude. Quanta altivez, por exemplo, na atitude de um Deodoro, ao renunciar aos naturais impulsos mais viris da vida de soldado, para rever humildemente seus próprios atos de Chefe do Governo da República, depois de reexaminados pelo seu Ministro Ruy Barbosa, que foi o maior dos brasileiros! "As vertigens da soberbia e da força" eram assim suplantadas pelo patriotismo e pelo senso do dever militar. João Mangabeira, biógrafo de "Ruy — o estadista da

República" reproduz este documentado relato de seu ilustre biografado sobre a — pobreza e a probidade de deodoro :

"Um dia, em minha casa na Praia do Flamengo, recebi uma carta de Deodoro. Nela ele me dizia que, estando o seu irmão, o Marechal Hermes, Governador da Bahia, gravemente enfêrmo, precisava vir ao Rio, acompanhando por um médico, que pedia para isso um conto de reis. E nem o seu irmão, nem ele próprio tendo essa importância, ordenara ao Vice-Governador da Bahia para entregar ao médico essa quantia. E pedia que, do seu subsídio de Chefe do Governo Provisório, fôsse ela descontada".

E Ruy continuou : "À tarde, quando fui ao despacho e disse a Deodoro que ia providenciar sobre o assunto da carta, ele mostrou-se constrangido, e disse-me, escusando-se, e comovido : "O Sr. não imagina o meu vexame. Meu irmão é a maior cabeça do Exército, e não há ninguém mais bravo. Vi-o no Paraguai coberto de sangue. Está à morte. Não podia vir sozinho. Não tinha um conto para dar ao médico. Nem eu. Na hora, só me lembrei de ordenar ao Vice-Governador que desse pelo Tesouro do Estado o conto, que eu pagaria do meu ordenado. Mas fiquei muito aborrecido. Porque o Tesouro não tem nada com as doenças minhas ou de meu irmão". E como eu lhe dissesse : "Marechal, êsse ato só o pode honrar", respondeu-me ! — "Não penso assim. Ao contrário, me diminui. Nunca toquei num real que não fôsse rigorosamente meu. Quem gosta de dinheiro não vai ser soldado, juiz, nem padre". E como eu retorquisse que, ao contrário, a carta merecia publicidade, objetou imperativo : — "O Sr. vai me dar a sua palavra que não falará sobre ela, nem com seus colegas, que indenizará o Tesouro do Estado com a máxima reserva, e nunca a publicará". Dei-lhe a minha palavra, e a tenho cumprido. A

carta está secreta em meu arquivo."

Explica em seguida o Dr. João Mangabeira :

"Essa carta eu agora a desenterto do arquivo de Ruy e a publico para glória do Chefe do Governo Provisório.

Vêde bem : São dois Marechais : ambos feridos em mais de um combate, mas em Iitoró feridos juntos, e gravemente, tendo Deodoro recebido três ferimentos graves ; ambos crivados de bala e cobertos de glória ; ambos ditadores, um da Bahia, outro do Brasil, ambos sem ter a quem dar satisfação, exceto às próprias consciências — e êsses dois homens não tinham um conto de reis para um caso de morte, e não sabiam obtê-lo senão pelo processo ingênuo de que a carta dá notícia, o que tanto constringia a Deodoro !

* *

Estas recordações históricas quadram bem ao tema desta solenidade.

O espírito de renúncia e o fôro de honradês que o hábito da poupança oferece ao homem de trabalho não são diferentes daquelas virtudes do homem de guerra.

Todos tem uma alta missão de Segurança e de Paz a cumprir. Deodoro sacrificou-se pela Paz, que glorificou Caxias. Em defesa da Segurança e da Paz, o nosso atual Ministro da Guerra acaba de ingressar na História Pátria. Elegemos a nobre personalidade dêsse herói de nossos dias, para depositário, junto às Fôrças Armadas e às Fôrças Trabalhadoras, das homenagens que a Caixa Econômica lhes está prestando.

O mesmo fundo moral de abnegação e patriotismo que imortalizou a Caxias e a Deodoro armou o ânimo do nosso General Lott na sua intransigência com a ilegalidade.

Imaginemos como é pesada a cruz da responsabilidade que êsses homens têm carregado, para a redenção desta terra onde nascemos ! Só quando as perspectivas da história o permitem é que se torna possível inventariar, com isenção e com

a avaliação devida, a fortuna somada pela grandeza de um militar como o Ministro da Guerra que vendo em suas mãos, de repente, o pôder integral do Governo, não o entrega, de volta, senão ao seu legítimo titular, o Povo Brasileiro, cuja vontade soberana êle próprio evitou que fôsse violentada. Este País há de se dar conta, um dia, do que foi a ação heróica dessa cidadela que soube conter as conspirações que tanto andaram ameaçando nossa liberdade.

No campo da Economia, a mentalidade do atual chefe do Exército está trabalhando a independência financeira dêste, reorganizando-o em bases autárquicas, para que custe menos à economia da própria Nação, cuja integridade êle próprio resguarda... A empresa lhe será facilitada, pelo senso de poupança, de disciplina econômica, de equilíbrio e sobriedade que constitui o patrimônio do soldado.

Pois bem, o trabalhador que sabe economizar, realiza anonimamente a mesma função de salvaguarda das Instituições. Soma-se ao exército de terra, mar e ar, como guardião delas contra a desordem e o vilipêndio à soberania. Faz parte das fôrças que sustentam a Nação, com a mesma e decidida neutralidade que delas participam as Fôrças Armadas. Serve à impersonalidade do regime legal, como dizia Ruy. Tanto mais sublime é o alcance dos designios atingidos pelo homem do trabalho ; tanto mais se assemelha êsse resultado ao bem realizado pelo homem da guerra, pelo homem da fé e pelo home da justiça, quanto mais humilde e silencioso é o fervor da sua atividade para o benefício social. As Caixas Econômicas se orgulham de poder concretizar, como seu instrumento, aquela participação. Elas adotam por sistema, nas épocas normais e sempre, as mesmas providências que o Governo se vê obrigado a aplicar nas ocasiões de desespero financeiro. Seria mais fácil então seguir o seu exemplo, para prevenir os despautérios do crédito, que geram as crises inflacionárias ou deflacionárias sempre atormentadoras. O seu exemplo

mostra que não há capital nunca, sem base na poupança e no aforramento. E a prevenção dos males financeiros é muito menos sacrificante que a sua remediação.

Senhores

A instalação desta Agência, que a Caixa Econômica neste Ato entrega aos militares, dentro de um setor das Forças Armadas do Brasil, se

assinala por um marco especial, que é a efeméride do Dia Internacional da Economia. Entretanto, o acontecimento dispensa outros sinais rememorativos, na certeza de que as lembradas relações entre a Caixa e as diversas unidades militares já é uma vivência, e das mais gratas ao interesse da instituição, pela afinidade de designios, consagrados à própria vida do Brasil.

Magazine LEREX Ltda.

ARTIGOS FINOS PARA HOMENS — ALFAIATARIA

Desconto de 10 % para os sócios do Clube Militar

AVENIDA RIO BRANCO, 251-A-RIO

FONES 22-8551 E 42-3837 — END. TELEG. : "LEREXMAGAZIN"